

A GEMA DO SOL

a noite era noite
quando a gema do sol
ainda era dentro da casca
e os galináceos sabores
do tempo da granja
substituíam as sacaroses
e outros sudoríparos açúcares
dos meus tectônicos tropeços
de sismicidades duvidosas

nas turbulências do magma do amanhecer
rompe a casca com bicadas radioativas
o transgênico ser tentaculoso
fruto de inter erupções interrompidas

a pupila de sangue atravessa a bacia do céu

a noite é novamente noite no transbordar
da coalhada de estrelas

o ser que já foi gema dentro da casca
explosão de radiante caminhada
se derrama para o infinito
como um mar que ficou grande demais
para caber nas arenosas bordas
do pequeno planeta que o continha

MAR DE ESTRELAS

na nebulosidade do entardecer
anoitece a transparência do cosmos
límpido universo,
onde o mais simples é o mais abundante

e o mar aqui na terra, nunca dorme?

do mais ermo sítio espacial
nos chegam brilhos e espectros
fulminantes infra vermelhos

e o mar aqui na terra, nunca dorme?

posso ver tão distante explosão
mas é tão difícil enxergar
minhas próprias pegadas na areia

e o mar aqui na terra, nunca dorme?

cada estrela é um olho que me observa
e o meu olho é lágrima pura
tão antiga é esta luz que me chega

e o mar aqui na terra, nunca dorme?

CRIATURA

como se numa visita a terra distantes
eu encontrasse a criatura...
que diria eu na noite densa
com estas rajadas orgânicas de medo
à criatura ali estacionada
na contra luz pálida da lua?

perguntaria eu dos traumas desta vida?
ou sentaríamos a conversar tranqüilos
sobre o calor das chamas do inferno?

e a criatura que responderia
frente a este atônito ser arfante e magro?
me diria com sua voz profunda, cadavérica,
de seus amores entardecidos?
ou do sangue que é no horizonte
o entardecer destes amores?

eu e a criatura ali na noite fraca
alvejados pelos ossos da lua,
aguados pelas lágrimas das estrelas.

uma fogueira que acendêssemos
no frio da madrugada
e a fumaça seria o embrião da nuvem negra
que avança agora sobre a cordilheira
para varrer a terra com sua chuva ácida.

como se numa visita a terras distantes
eu encontrasse a criatura.
sentados na borda do fim,
sentados na borda do mundo,
com os olhos cansados da insônia
de amores perdidos,
nos abraçaríamos num gesto final
antes de perceber
que as nuvens rumavam para o oceano...

ORNITORRINCO SUICIDA

enterrado na terra,
imerso nas águas
lá vai a estranha toupeira com bico de pato,
coloca o ovo e amamenta o filho,
vesga criatura cega com rabo de castor
prova cabal da ironia da natureza.

pobre criatura desprezada,
exilada das fábulas
um quase experimento genético
misturando o ridículo
que existe em cada reino.

pato feio até o fim da vida.
triste ser disléxico,
atolado... canhoto...
sentado na beira do poço
se enamorou do abismo.

2006 © DOMINGOS GUIMARAENS

QUADRÚPEDE FIM

não haverá mais pastagem.
nem na terra,
nem na noite.

não haverá mais o verde,
será apenas o vermelho sangue
dessa vazia luz crepuscular.

haverá apenas um som
de um triste, abafado boi,
mugindo sem ter onde pastar

que solitário mugir alucinado
delírio de infindo descampado
na existência sôfrega de um boi

que bruto, quadrúpede fim!
onde estagnou perdido
o rugir tenso das manadas?

em que estranha paz de solidão anemiar
caminham magras patas ruminantes
sem ácida clorofila a ruminar?